

Identidade e alteridade: diálogos para o Ensino Religioso

Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer*
Marcos Rodrigues da Silva**

Ubuntu é uma antiga *palavra Africana*,
cujo significado é "humanidade para todos".

Ubuntu também quer dizer
"E sou o que sou devido ao que todos nós somos" ...
(eu sou porque nós somos.)

Iniciarmos uma reflexão sobre alteridade e identidade, a partir da epígrafe acima, propõe refletirmos sobre o contexto em que estamos inseridos e as relações que podemos estabelecer a partir desse lugar no qual, que nos relacionamos não só como seres em convivência mas, também, como educadores e educadoras diariamente comprometidos com a formação de crianças e jovens, no cotidiano das escolas.

Ao nos depararmos com a necessidade de afirmar o conceito de Identidade e Alteridade na perspectiva da diversidade cultural e religiosa a partir de diferentes matrizes, nos ocupamos em considerar as matrizes africanas, tentando buscar qual a melhor maneira para trabalharmos esses conceitos e valores, sem ferir e ou excluir

* Mestra em Teologia, Religião e Educação pela Faculdades EST. É professora e coordenadora do Grupo Identidade na Faculdades EST; coordenadora pedagógica na Rede CNEC em Estância Velha/RS. Membro da ASETT- GT-ASETT-Brasil/Sul

** Doutorando em Ciências da Religião - PUCSP/Bolsista CAPES, Membro do Grupo de Estudo Educação e Religião - PUCSP; membro do GPEAD-FURB; Coordenador da Comissão de Teologia Negra de EATWOT – Ecumenical Association of Third World Theologians - *ASETT - Associação Ecumênica de Teólogos/as do Terceiro Mundo – região América Latina*; Membro do Grupo ATABAQUE .e TEOLOGIA.

uma ou outra forma de crença, ou pensamento a partir das diferentes matrizes religiosas.

Da mesma forma, quando estamos na escola não podemos esquecer que cada estudante, cada grupo ou cada família apresenta suas formas específicas de se relacionar com suas crenças, com aquilo que lhe é sagrado. Nós educadores e educadoras, também temos nossos referenciais sagrados que praticamos em nossos espaços e acreditamos neles, no entanto, não podemos tê-los como referencial único. A construção e desconstrução de conceitos e o fortalecimento de identidades, fazem parte das nossas ações em diferentes espaços onde atuamos.

Para uma reflexão mais direcionada, vamos a seguir, nos deter na história das populações negras na diáspora. Podemos iniciar o diálogo nos perguntando, por exemplo, qual o conceito de identidade e alteridade a partir dessa perspectiva.

O conceito de Identidade e Alteridade - na história das populações negras na diáspora

O conceito de Identidade e Alteridade desde uma perspectiva negra, na diáspora afrobrasileira tem que ser apropriada por educadores e educadoras no exercício de suas práticas pedagógicas inseridas nas comunidades, mucambos e grupos negros. Estes estão presentes em variados espaços e territórios de imenso continente chamado Brasil.

Vamos refletir algumas palavras conceituais que possam facilitar nossa aproximação a estas palavras carregadas de significados: Identidade e Alteridade. Para este acontecimento ter seu objetivo com sucesso de apropriação plena do princípio dialético, vamos procurar ler este texto com o tripé: conceito – teoria e a prática.

*** Em relação às “identidades negras” e suas relações com a modernidade**

Este é um tema desafiador para o educador e a educadora tendo em seu front o dinamismo do processo da globalização (econômica, cultural, social, etc.), coloca na agenda positiva da reflexão e dos estudos a discussão acerca da diáspora negra.¹ O autor sugere que a “cultura negra” e as “identidades negras” são criadas e redefinidas através de uma troca triangular entre o continente africano, o Novo

¹ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo/Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

Mundo e a diáspora negra na Europa. Para nós na diáspora latino-americana devemos identificar nossas identidades e alteridades. E, são momentos de encontros com valores, saberes e valores que os povos afro nos deixaram como legado.

Esses processos de reelaboração identitário, cultural e econômico, preferencialmente, dos povos afrobrasileiros são efetivados através de uma “conexão que deriva tanto da transformação da África pelas culturas da diáspora como da filiação das culturas da diáspora à África e dos traços africanos encerrados nessas culturas da diáspora”.² O que se destaca na argumentação de Gilroy é, justamente, a ênfase na capacidade de “identidades negras”, formadas a partir da diáspora, em dialogarem com a modernidade.³ Isso implica em afastar a discussão sobre “identidade negra” de sua associação com a tradição e com essencialismos, como costuma ser associada em muitas interpretações.⁴ Sendo assim, podemos afirmar que a “identidade negra”, como qualquer outra “identidade”, é extremamente dinâmica.

Munanga nos ajuda a compreender o conceito de “identidade negra”, afirmando que é um valor disputado em conflitos sociais e intergrupais. A sua formação pressupõe um trabalho de organização do grupo ou sociedade. Como acontece esse trabalho de organização? É feito através da reconstrução, pelo grupo, de sua própria história. No respeito a diversidade que deparamos com as diversas tradições africanas na diáspora, percebemos que a reconstrução da história do grupo se faz de acordo com as características históricas e sociais, com as quais se relaciona. Assim conclui o mestre antropólogo, a “identidade negra” somente torna-se inteligível dentro do seu contexto cultural.⁵ Assim, o conceito de “identidade negra”, empregado ensaio, tem como matriz a realidade dinâmica e contextual, podendo ser sintetizada na argumentação de Sansone:

[...] A identidade negra, como todas as etnicidades, é relacional e contingente. Branco e negro existem, em larga medida, em relação um aos outros; as “diferenças” entre negros e brancos variam conforme o contexto e precisam ser definidas em relação a sistemas nacionais específicos e a

² GILROY, 2001, p. 372.

³ GILROY, 2001.

⁴ SANSONE, Livio. *Blackness Without Ethnicity. Constructing Race in Brazil*. New York, Palgrave MacMillan, 2003.

⁵ MUNANGA, Kabengele. Ação Afirmativa em benefício da população negra. In: *Universidade e Sociedade: Revista do Sindicato ANDES Nacional*, n. 29, março de 2003. p.46-52. MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra*. Petrópolis: Vozes, 1999

hierarquias globais de poder, que foram legitimados em termos raciais e que legitimam os termos raciais.⁶

A “identidade negra”, entendida da forma como o autor citado coloca, permite uma discussão na qual se priorizem as particularidades do contexto social e cultural. Abordar a “identidade negra” dessa maneira viabiliza articularmos uma discussão sobre a “identidade negra” dos militantes, buscando evidenciar a maneira, até certa forma particular, de eles se auto-afirmarem como “negros”. Assim, a “identidade negra” não se torna uma representação genérica, onde se essencializa o significado de ser “negro”. Mas, é interpretada como um construto intersubjetivo, determinado pelo contexto social e pelos significados das experiências interpessoais referentes ao processo de auto-afirmação das pessoas. Dessa maneira, é possível refletir sobre os vários determinantes de natureza pessoal e de natureza coletiva que influenciam no processo de auto-afirmação ou de negação da “identidade negra”.

No seguimento das reflexões de Munanga deparamos com a afirmação de que a construção social da identidade se produz sempre num contexto caracterizada pelas relações de força. Neste caminho, destaca o antropólogo, podemos distinguir três formas de identidade de origens diferentes:

– A identidade legitimadora, que é elaborada pelas instituições dominantes da sociedade, a fim de estender e racionalizar sua dominação sobre os atores sociais;

– A identidade de resistência, que é produzida pelos atores sociais que se encontram em posição ou condições desvalorizadas ou estigmatizadas pela lógica dominante.

Para resistir e sobreviver, eles se barricam na base dos princípios estrangeiros ou contrários aos que impregnam as instituições dominantes da sociedade.⁷

– A identidade-projeto: quando os atores sociais, com base no material cultural a sua disposição, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, conseqüentemente se propõem em transformar o conjunto da estrutura social. É o que acontece, por exemplo, quando o feminismo abandona uma simples defesa da identidade e dos direitos da mulher para passar à ofensiva, colocar em causa o patriarcado, ou seja, a família patriarcal, todas as estruturas de produção e reprodução, da sexualidade e da personalidade, sobre as quais as sociedades são historicamente fundadas. Naturalmente, uma identidade que surge como

⁶ SANSONE, 2003, p. 24.

⁷ CALHOUN, Craig (Ed.). *Social theory and the Politics of identity*. Oxford: Blackwell, 1994, p.17; apud Manuel. *Le Pouvoir de l'Identité*. Paris: Fayard, 1999. p.18.

resistência pode mais tarde suscitar um projeto que, depois, pode se tornar dominante no fio da evolução histórica e transformar-se em identidade legitimador, para racionalizar sua dominação. A dinâmica das identidades no decorrer desta cadeia mostra suficientemente como, do ponto de vista da teoria sócio-antropológica, nenhuma delas pode ser uma essência, ou ter um valor progressivo ou regressivo em si fora do contexto histórico.⁸

***O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade**

Quando estamos diante desta afirmação conceitual, devemos reconhecer que o cenário é de contemplação e reflexão sobre o que é; cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc.. E, para aprimorar este processo devemos ficar atentos e atentas de quais são as relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática.

Todos nós, homens e mulheres somos feitos de diversidade. No cotidiano das relações podemos perceber que ocorre também a semelhança entre os comuns, ou geralmente, nas sociedades movidas pelas atitudes de disputas e exclusões, a diversidade é traduzida em diferenças de raças, de culturas, de classe, de sexo ou de gênero, de religião, de idade, etc. A diferença está na base de diversos fenômenos que atormentam as sociedades humanas. As construções racistas, machistas, classistas e tantas outras não teriam outro embasamento material, a não ser as diferenças e as relações diferenciais entre seres e grupos humanos.

Assim, quando queremos sintetizar o que venha a ser “diferença(s)”, constatamos que pode ser aquilo que unem e desunem. Neste século XXI podemos afirmar que são fontes de conflitos e de manipulações sócio-econômicas e político-ideológicas. Quanto mais crescem, as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que constituem o ponto de partida para a construção de estereótipos e preconceitos diversos.

Com estas palavras introdutórias podemos buscar quais são os processos identitários que possam ser nucleados na formatação do Sistema Educacional e suas nuances que permeiam os conteúdos das Ciências da Religião para o Ensino Religioso...

⁸ MUNANGA, Kabengele. *Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania*. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP. Disponível em: <<http://cfh.ufsc.br/~npms/programas/Munanga%2005diversidade.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

Afirmação da Identidade e Alteridade no Sistema Educacional

Deparamo-nos com diversos desafios, ao analisarmos alguns dos caminhos percorridos para a afirmação da Identidade e Alteridade no Sistema Educacional. Um dos nossos desafios tem sido a busca por maneiras diferenciadas para, constantemente inovarmos nossas ações pedagógicas e nos aproximarmos de um diálogo mais amplo, na perspectiva da diversidade que contribua para a formação integral das pessoas, não só em suas relações interpessoais, mas especialmente a sua relação pessoal.

Um dos pontos, poderíamos dizer, seria o entender-se como ser que se constitui diariamente através das relações que se estabelecem com os outros, através do entendimento de si em relação com o outro e sobretudo a empatia ao relacionar-se com o outro.

Assim, não poderá ser diferente quando somos desafiados a elaborar a proposta pedagógica, o currículo escolar e a metodologia que nos oriente como lidar com as diversidades. Algumas escolas ainda carecem de organização de um espaço que se ocupe da temática diversidade, no sentido de dar lugar a essa abordagem, ou seja, o programa das escolas deveria garantir que essa temática e outras fossem contempladas em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Continuamos sendo desafiados a pensar e elaborar proposta com a pergunta: como desenvolver o tema “identidade e alteridade” nas aulas de Ensino Religioso?

Esse desafio exige desenvolver algumas habilidades, através de programas de formação de docentes, para que possamos construir formas diferentes de ver o mundo, de ver o outro e a si mesmo como único mas ao mesmo tempo como parte do todo, que precisa ser respeitado e identificado pelas suas características que os diferenciam dos demais. Podemos utilizar o pensamento de alguns autores, quando afirmam que “Identidade e alteridade passam a ser, pois, duas palavras-chave [...]. São dois aspectos distintos, mas, ao mesmo tempo, interligados e complementares, no sentido como é apontado por Paulo Freire de “ser-mais” e “ser-no-mundo-com-os-outros”.⁹

Para uma reflexão mais pontual sobre Identidade e Alteridade nas aulas de Ensino Religioso e nas práticas pedagógicas afirmativas, será necessário estarmos a todo instante revendo o que pensamos e o que queremos com a educação das crianças, dos jovens e dos adultos com os quais atuamos. Desta maneira assim, teremos condições de definirmos quais são os objetivos que queremos alcançar, tomando decisões conscientes se soubermos, com clareza, qual nossa proposta e

⁹ WITT, Maria Dilane; PONICK, Edson (Coord.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p.19.

onde pretendemos chegar,. Também, far-se-á necessário estudos e reflexões sobre a questão da intolerância em qualquer situação instalada nas relações com as aulas de ensino religioso. Sobre essa questão, Silva afirma:

A maioria ainda entende que tolerar é agüentar o outro. Neste sentido, cada um permanece no seu lugar sem interferir na vida alheia. Não é desse tipo de tolerância que estamos falando. Essa forma de tolerância apenas segrega o outro ou o enquadra em “seu lugar”. Agindo desta maneira continuamos desejando se livrar do incômodo da presença do outro.¹⁰

Assim, ao organizarmos um planejamento que apresente possibilidade de ressignificar o fazer pedagógico, um planejamento coletivo como espaço de formação de conceitos, em articulação com as diferentes áreas do saber e estabelecendo relações significativas entre elas.

Outro aspecto importante é a conscientização em relação às mudanças que são urgentes e necessárias nos programas escolares. Se realmente temos o desejo que nossas práticas sejam ressignificadas nas aulas de Ensino Religioso ou, se vamos permanecer somente no discurso. Precisamos desenvolver a noção histórica e cultural da diversidade de uma maneira geral, tentando resgatar essa história que foi ocultada ou negada por tanto tempo, seria o momento de ressignificar a ação docente para desencadarmos mudanças nas nossas práticas cotidianas e, como diz nosso saudoso Paulo Freire, “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível... meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências”.¹¹

Consideramos que, para o atendimento às demandas atuais, no que se refere às diferenças e a efetiva possibilidade de uma proposta de investimento na formação docente, faz-se necessário um olhar especial para essas questões, não apenas na perspectiva da diversidade da formação inicial, mas, também, com um investimento constante na formação continuada e em serviço.

¹⁰ SILVA, Clemildo Anacleto da; NONATO, Eunice Maria Nazareth. Educação, intolerância religiosa e direitos humanos. In: KRONBAUER, Selenir C. Gonçalves; STRÖHER, Marga Janete (Orgs.). *Educar para a convivência na diversidade desafio à formação de professores*. São Paulo: Paulinas, p. 23-46. 2009. p. 24.

¹¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. p. 200.

Referências

- CASTELLS, Manuel. *Le Pouvoir de l'Identité*. Paris: Fayard, 1999.
- ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS, Ano 25, no 2, 2003, p. 371-373.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo/Rio de Janeiro : 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos. 2001.
- MUNANGA, Kabengele. Ação Afirmativa em benefício da população negra. In: *Universidade e Sociedade*: Revista do Sindicato ANDES Nacional, n. 29, março de 2003. p.46-52.
- _____. *Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania*. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP. Disponível em: <<http://cfh.ufsc.br/~npms/programas/Munanga%2005diversidade.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.
- _____. *Negritude: Usos e Sentidos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade Negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- SANSONE, Livio. *Blackness Without Ethnicity. Constructing Race in Brazil*. New York, Palgrave MacMillan, 2003, 248p.
- SILVA, Clemildo Anacleto da; NONATO, Eunice Maria Nazarethe. Educação, intolerância religiosa e direitos humanos. In: KRONBAUER, Selenir C. Gonçalves; STRÖHER, Marga Janete (Orgs.). *Educar para a convivência na diversidade desafio à formação de professores*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 23-46.
- WITT, Maria Dilane; PONICK, Edson (Coord.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

Identidade e alteridade: diálogos para o Ensino Religioso

Resumo:

Para uma reflexão mais direcionada, propomo-nos deter a discussão deste artigo na história das populações negras na diáspora. Iniciamos o diálogo nos perguntando, por exemplo, qual o conceito de identidade e de alteridade a partir dessa perspectiva. A construção e a desconstrução de conceitos e o fortalecimento de identidades, fazem parte das nossas ações nos diferentes espaços onde atuamos. Assim, enfatizamos a importância do papel do/a educador/a no exercício de suas práticas pedagógicas, no sentido de apropriar-se dos conceitos de Identidade e Alteridade desde uma perspectiva negra.

Palavras-chave:

Diáspora negra. Identidade. Alteridade. Cultura negra. Ensino Religioso

Identity and alterity: dialogues for Religious Education

Abstract:

In order to build a more focused reflection, in this article we discuss the concepts of identity and alterity in the history of black diaspora. We start the dialogue by asking, for example, which concept of identity or alterity emerges from this perspective. The construction and the deconstruction of concepts and the strengthening of identities are part of our actions in the fields we operate. Thus, we emphasize the importance of the / a teacher / a in the exercise of their daily practices, in the way of appropriating the concepts of identity and alterity since a black perspective.

Keywords

Black Diaspora. Identity. Alterity. Black Culture. Religious Education.